

DESINTERESSE

Nós não veríamos inconveniente nenhum em ser-se rico, se tal qualidade, em regra, não tivesse este grande contra: não proporcionar bem nenhum verdadeiro aos outros; não ser causa de melhoramento algum moral para si próprio.

Se não nos seduzem as riquezas, nenhuma preocupação nos advem de ser pobre, tanto menos que um homem de autoridade na matéria, diz:

«Por toda a parte e sempre a pobreza foi a terra privilegiada onde nascem as mais nobres e as mais sublimes aspirações. Poetas ou sábios, artistas ou imperantes, todos lhe devem as suas mais belas qualidades morais que produziram, mantiveram e fizeram triunfar suas personalidades».

Diz isto Jean Finot, em *La Science du bonheur*, acrescentando, baseado em Bacon e Temple, (conforme nós já nos servimos dele para dar base ao nosso raciocínio):

«A serenidade e a placidez do espírito é a mais essencial condição da nossa felicidade. Ora, neste ponto de vista, e segundo Bacon, nada mais miserável que um homem rico. Por outro lado, a saúde é o mais apreciável dos bens. Ora, se o rico pretende poupar esse bem, (nota Sir B. Temple), *necessita viver como se fôra pobre*».

Há duas espécies de pobreza, com um abismo a separá-las uma da outra. Chama-se a primeira *pobreza voluntária*, e a ela se pode com razão aplicar o nome de verdadeira riqueza. Chama-se a segunda *miséria*, e vem a ser nada menos que a maior calamidade que se conhece.

Há também duas espécies de riqueza: a que ajuda os homens de poucos meios nos seus profícuos trabalhos, e essa denominamos nós útil, e a que em mãos de avaros, de ignorantes ou de perdulários, resulta absolutamente inútil e até prejudicial para quem a possui.

Em geral, porém, não se fazem estas nem outras distinções por ventura ainda mais oportunas e judiciosas; cumu-

la-se de consideração o homem que é rico, de abandono o que é pobre, não faltando até quem, apreciando as cousas o mais possível pelas aparências, considere sempre como insignificante a alma quando more num corpo despido completamente de imponência.

Da pobreza afirmou Jules Bois, ser infinitamente respeitável quando se lhe associa o talento e o trabalho.

É certo, o que não quer dizer que não haja pobres mui respeitáveis, que nem são inteligentes nem trabalham, por invalidez, uns, por não lho permitirem as circunstâncias, outros.

Logo, parece que o mais simples e o mais exacto, será dizer que a pobreza é respeitável sempre que não signifique desleixo, incúria, abandono, menosprêzo pela dignidade própria, emfim, em todos os casos em que ela não é suportada porêem sim — gosada. É respeitável sempre, e sempre digna quando ela tem por base ou ponto de partida o desinteresse.

O pai do pintor Nicolau Harlen, quando êste era pequeno, tal sova pretendeu aplicar-lhe que o mestre viu-se obrigado a recomendar aos outros alunos que o escondessem, e como semelhante acção em flamengo se anuncia pela palavra *berghem*, Nicolau ficou sendo conhecido por Berghen, e assim passou à posteridade.

Foi um artista de grande talento, florescendo no século XVIII, tornando-se particularmente célebre pelas suas incomparáveis paisagens.

De carácter dôce e de maneiras afáveis, dizia não encontrar prazer noutra cousa que não fôsse pintar, e afirmava ser o dinheiro cousa inútil a quem sabia estar ocupado.

Além de paisagista foi também pintor animalista de grande correcção, e deixou apenas um quadro representando uma batalha. E foi de mais!

Berghen fazia bem depreciando o dinheiro. Fazendo-o, no dizer de um pensador anónimo, desprezava um terrível usurpador.

Efectivamente, o maldito interesse empolga os homens, acontecendo, no dizer de outro filósofo, que tanto mais o espírito mercantil se desenvolve na humanidade, tanto mais rareia a inclinação dos homens para o bem.

Os pais que instigam os filhos a trabalhar para enriquecer incorrem nesse delito, pelo que se tornam dignos de censura. Trabalhemos, sim, mas no melhoramento moral dos outros, que tão precisadinhos estão.

Segundo um personagem da Sr.^a D. Virgínia de Castro e Almeida, «o homem devia limitar-se ao aperfeiçoamento individual, desistir da revolução colectiva, que acorda monstros adormecidos».

«Era preciso (continua) assistirmos à marcha dos acontecimentos numa expectativa serena. Aprendermos a bastar-nos a nós mesmos para prescindirmos da sociedade dos nossos semelhantes, que nos arrasta para a escravidão dos preconceitos e das convenções. Vivemos nós com o nosso pensamento, num aperfeiçoamento incançável, gerador de compreensões mais claras».

Aprendermos a bastar-nos a nós mesmos é efectivamente um dos principais elementos de felicidade individual, e não implica de modo algum a ideia do egoísmo.

O homem pode perfeitamente não carecer da convivência dos outros homens e achar-se constantemente pronto a prestar-lhes serviços.

Mais: pode recusar na sua vida a intervenção estranha, pode não estar disposto a prestar serviços individuais aos outros homens, e não obstante dedicar-se ao bem estar geral pela mais eficaz das formas possíveis, isto é: aperfeiçoando a humanidade sob o ponto de vista moral.

Isto é, tanto menos para a autora do livro estranhar, quanto é certo que mais adiante, e sempre no mesmo diálogo, se afirma dever-se amar a humanidade e servi-la, mas na inércia de um obscuro aperfeiçoamento individual (nosso).

Já Aristóteles dizia que a felicidade pertencia áqueles que eram suficientes a si próprios.

Convinha reter estas noções e fazê-las penetrar no espírito alheio, principalmente no da mocidade, ou melhor ainda, no da infância, visto que a esta os maiores males lhe veem das convivências a que se dá, na persuasão de que lhe é indispensável angariar o maior número de amigos.

Ora, «para quem sabe escolher e limitar-se, basta uma bibliotéca de poucos livros, uma farmácia de poucos remédios, uma mesa de poucos guisados e um sociedade de poucos amigos, conforme disse algures um pensador.

A mesma autora ainda escreve:

«O Zeland, povoado de casais risonhos, cobertos de ardósia ou de colmo, com a frescura das janelas pequeninas e floridas, deixando adivinhar, através das cortinas de renda, o conforto dos lares pacíficos e felizes; os campos verdes, planos, de uma deliciosa monotonia, e que uma agricultura próspera aproveita arrancando-lhes a sustentação de todos

num equilibrio justo que não permite as grandes fortunas imorais, nem a miséria degradante».

São mui frequētes e numerosas as fortunas sem moral, a que alude o trecho reproduzido, e essas, se constituem um elemento de regosijo para o economista e o estadista, que só tomam o pêsso às cousas, são um estôrvo quando encaradas de mais alto, isto é: pelo sábio e pelo moralista, que têm obrigação de se preocupar mais com o valor que com o pêsso.

De resto, para ser útil, para ser prestável, para ter valimento, nem é necessário uma pessoa ser abastada.

«Roberto Balkes (diz o autor de *O Character*), que fundou as escolas dominicais e outras em Inglaterra, nunca foi rico; nem o era Tomaz Vrigt, o filantropo das prisões, nem o foram S. Vicente de Paulo nem o Padre Mateus, promotores da educação e da temperança; nem os grandes homens da sciência que se chamaram Newton, Watt e Faraday; nem os grandes missionários S. Francisco Xavier Martin, Carey e Livingstone».

Provado que não é necessária a abundância de meios para fazer alguma cousa útil para os outros, consignemos ainda que há uma espécie de homens ricos que constituem uma verdadeira calamidade. Estes não são os que nada fazem, são sim aqueles que além de nada fazerem ainda estorvam e contrariam com o seu egoismo e o seu cinismo, aqueles que pretendem desinteressadamente trabalhar.

A *Moral em Acção*, do Barão de Gerando, occupa-se de um episódio da história portuguesa, ocorrido em 1585.

Um trôço de colonos, que se destinava às Índias, naufragou, salvando-se uma parte em uma espécie de jangada, construída com os restos do navio. O pilôto, vendo que a carga era excessiva, declarou ao chefe, Eduardo de Melo, que era indispensável abandonar pelo menos uma dúzia de tripulantes.

Tendo a sorte designado entre outros um soldado cujo nome se ignora, um irmão dêste pediu e obteve para o substituir, alegando que aquele, além de mais válido, tinha a seu cargo o sustento do pai, da mãe e de algumas irmãs. Deitado à água, o desgraçado põe-se a nadar perto da barca, e segue-a durante seis horas.

Os de dentro, ao princípio resolvidos a repeli-lo, se êle tentasse abordar, admiram-se primeiro dos esforços empregados pelo infeliz para não succumbir, comovem-se depois e por último recolhem-no, em contrário de tudo quanto a si próprios haviam mutuamente jurado.

Alguém escreveu que as grandes dedicações nunca hão de morrer na esfera luzentíssima do sentimento humano, e nas alas dos heróis e dos santos figuram ainda de preferência, como figuraram sempre, os pequenos da terra.

O facto acima narrado comprova excelentemente o asserto.

Emile Deschanel observa por seu turno que muitas vezes uma acção má provoca menos censuras que uma boa acção atrai calúnias. A razão (continua) está em que poucos homens admitem que um dos seus semelhantes seja creatura honesta. Preferem architectar suposições, não digo apenas ultrajantes, mas inverosímeis, impossíveis, a crêr na realidade que salta aos olhos, sempre que essa realidade seja a honra alheia, que os humilharia se cressem nela.

Isto é positivamente assim. O número dos homens dignos, que olham com agrado para as boas acções alheias, é diminuto. O maior número, o que experimenta, é a inveja, e a inveja foi sempre a ante-câmara do ódio.

Outros, menos decididos, não invejam a boa acção, nem odeiam o que a põe em prática, mas declaram resolutamente que não crêem nela, que é mentira o que por aí corre impresso em semelhante capítulo.

Felizmente para todos houve sempre homens bons, e sempre também houve certos exemplares de homens, que são mesmo um descrédito para a espécie a que pertencem.

Se destes não se exige que pratiquem semelhantes acções, porque demónio são elles tão pessimistas que nem acreditam que haja quem as pratique?

Veem muito a propósito as seguintes palavras de Madame Necker de Saussure:

«Sem a predisposição para nos dedicarmos, não existe a beleza moral. Causa alguma de nobre e de grande é possível existir neste mundo sem o sentimento poderoso que rouba o homem a si próprio, o transporta todo inteiro a um objecto digno dele, e que, tornando-o superior aos tímidos instintos da natureza, parece afastar para longe os limites impostos à humanidade.

«Quando este princípio vivo, expansivo, da beleza moral, vem a faltar, só fica no homem um mérito sêco, uma regularidade fria e compassada que provêm de penosos esforços para o cumprimento de um dever que pouco nos interessa».

A dedicação pode existir sem um objecto definido, sem se especializar ou concretizar em tal ou tal obra, sem que por isso deixe de ser tão real e tão eficaz como aquella que se especializa.

Pertence a este género a prova de abnegação dada há pouco nos Açores, e de que se fez eco *O Imparcial*, da Praia da Vitória. É o caso que uma mulher fôra para o Hospital dos Lázaros, daquela Vila, para tratar três indivíduos perigosamente atacados de doença imensamente contagiosa.

Outra, do Cabo da Praia, estivera na casa de isolamento a tratar de duas creanças dadas como suspeitas. Nenhuma delas serviu por estipêndio, mas sim apenas por dedicação, advertindo que a primeira teve de separar-se de um filho de nove anos, e a segunda do marido.

Tão pouco foram levadas a esse comovente acto de abnegação em consequência de promessa que houvessem feito. Nada influiu nelas que não fôsse um louvável, e não muito vulgar impulso de dedicação pelo próximo.

E lamentável não se saber os nomes delas, nem existirem entre nós prémios de virtude. Por enquanto premeia-se apenas quem corre muito, quem canta ou baila com perfeição, e quem estrofia muitas aves nos concursos de tiro aos pombos. Tudo pessoas a quem não fez pêso nem estôrvo a alma. Comtudo, querendo Vitor Hugo apresentar alguns aspectos da magestade mais nos casos de nos impressionar, citou o mar e, como superior a este, o céu.

Mas o poeta ficou acaso por aqui? De modo algum, visto que de superior a ambos, êle entende haver um terceiro espectáculo, o qual, de perto que se acha dos homens, se diria estar neles mesmo: a alma.

E verdade, a alma, que José Silvestre Ribeiro tinha no pensamento, quando suplicou a todos os homens que se sentissem profundamente repassados do amor, do belo e do puro, «formassem uma liga santa, uma cruzada entusiástica, no sentido de fazerem triunfar os sentimentos mais nobres e generosos da natureza humana».

E note-se que o nosso bondoso compatriota já foi levado a formular esse voto por sugestão de Renan, que algures anela a formação de uma liga em que entrem «quantos se apaixonam pelas cousas desinteressadas, para protestarem contra o abaixamento dos caracteres e o abandalhamento dos costumes», visto que «o exemplo dos estoicos e o heroísmo dos mártires, provam a dignidade da alma humana e a perpetuidade da virtude».

Quem é, efectivamente, o homem desinteressado e modesto, que se não impressiona com o febril entusiasmo pôsto pelo comum dos mortais em angariar a vil matéria, que é o

dinheiro, e o abandono patenteado na aquisição de bens que só interessam à elevação e depuração da alma?

Parece que o justo seria curar de ambas essas proveniências do ser humano ao mesmo tempo, já que os apaixonados pelas cousas desinteressadas de Renan são raros, e esses se escondem das sátiras dos demais.

Patru visitando a Biblioteca do Escorial, em Espanha, e admirado ao mesmo tempo da riqueza da instalação e das deficiências intelectuais dos monges, disse que muito era para desejar que os estadistas se comportassem, relativamente às finanças do rei, como êsses monges se comportavam em relação à biblioteca de que eram possuidores, «da qual não tinham retirado nenhum benefício».

Quem isto narra é o *Dicionário de Moral*, de Capelle, que por sinal nos dá um exemplo de liberalidade não vulgar, cometido por Boileau em benefício daquele célebre advogado.

Indo a bibliotéca dêste à praça, por exigências de um credor desensofrido, Boileau compareceu ao leilão, cobrindo logo o primeiro lanço por tal forma que os livros lhe foram imediatamente adjudicados. Paga a quantia, o comprador declarou que não pretendia a biblioteca senão por morte de Patru, e assim, enquanto vivesse, os livros ficariam em poder dêle.

Deu-se modernamente um facto semelhante com o leilão de Zola.

Quando os haveres dêste, então expatriado, foram à praça, alguém adquiriu um insignificante móvel por um preço tão elevado, que, passando além da quantia necessária para saldar a conta à justiça, determinou o encerramento imediato do leilão.

Para ser generoso é necessário, em primeiro lugar, a delicadeza no pensar e no proceder. Nunca o homem duro de carácter se preocupará jámais com aquelas encantadoras acções que deixam a todos por igual satisfeitos.

«Se tu trabalhas incessantemente em aperfeiçoar-te (escreve por seu turno Deshumbert), se te sacrificas pelos outros, se levas a existência a praticar o bem em todas as suas formas, nada terás feito de moral, não serás merecedor que te respeitem, se tudo isso fizeres com ideia nalguma recompensa.

«Mostrarás sómente que és um homem prático, o qual, segundo a expressão corrente, dá um para obter cem; serás um negociante de boas acções, mas nunca um homem de bem.

«Cumpre o teu dever simplesmente, porque é dever, e nunca por outro motivo. Faz isto ou aquilo, porque é moral, porque é justo, porque é devido, mas nunca penses na recompensa que daí pode vir.

«O bem, para o ser, indispensável é que o não conspurque o interêsse».

Estas palavras mereciam uma dourada moldura e deviam ser colocadas à cabeceira da cama dos mancebos que mostram preocupar-se com o negregado lucro.

Eles, embora não o acreditassem, e menos ainda o adoptassem, ficariam sabendo que não há neste mundo prazer maior que o trabalho: é trabalhar desinteressadamente.

Certo que o homem carece de que lhe remunerem o esforço para ocorrer à sua subsistência material. Deve, porém, a restante actividade, aquela que se efectua por devoção, permanecer alheia a essa imoral ideia de ganho, que aliás assoberba nove décimos das creaturas humanas.

Trabalhar só por interêsse é mostrar-se egoísta, da peor espécie, e porque são muitos os que assim fazem, é grande ainda a soma de infortúnio que infelicitava a nossa pobre espécie.

Pois que falamos em exclusivismos egoístas:

A física, diz Luis Figuier, ensina-nos que dois raios luminosos, quando se encontram sob uma incidência particular, parecem destruir-se, anular-se mutuamente, de maneira que a obscuridade nasce do concurso destas duas origens de luz. A ciência e a fé, são duas outras grandes claridades que em certos casos, quando pretendemos uni-las, combiná-las entre si, podem por seu turno produzir trevas. A ciência é a ciência; a fé é a fé. Saibamos conservar intactas e puras, estas duas forças da alma humana, e evitemos enfraquecê-las a ambas, fazendo-as entrar num perigoso e inútil consórcio».

Desta passagem, que traduzimos, ressalta um grande aprêço pela ciência, por parte do ilustre homem, o que de resto não admira, sabendo-se que elle é um sábio. Se falasse um teólogo, as preferências seriam todas pela fé. Mas fale um homem que não tenha, nem o defeito de ser sábio, nem o de ser teólogo, e ver-se há como essas duas ordens de conhecimentos são aborrecíveis com os seus exclusivismos, as suas pretendidas preponderâncias.

Dos destemperos da suposta fé, estão todos mais ou menos instruídos; pena é que o não estejam tanto, a respeito das demasias do espírito científico.

Ai vai um exemplo: os aeroplanos.

Passámos sempre sem elles; se daqui a 20 ou 30 anos fôrem, como hão de ser, indispensáveis, é porque nós, fiados neles, criámos necessidades que não existem.

Ora, a aquisição dessa futura vantagem, que de vidas humanas não tem já custado, e que devastação não está operando no mundo das aves, que arrebatava e faz morrer no turbilhão que as hélices provocam nos ares, feitos exclusivamente para elas e nunca para nós!

E a final, repetimos, sómente para ocorrer a necessidades nossas, que o próprio sistema há de vir ainda a criar e a avigorar.

Pobre desinterêsse, como nestes eloquentes ensejos se mostra, que se há virtude ainda mal conhecida pelos homens, és tu, que aliás contens em ti os elementos constitutivos da felicidade e bem estar deles!

(Do livro ainda não publicado «*Vida Superior*»).

LUÍS LEITÃO.